

O tempo, no poema "Terra Cunhã"¹, de Eliane Potiguara

Time, in the poem "Terra Cunhã", by Eliane Potiguara

Leticia Cintra Paulo de Oliveira²; Rosana Cristina Zanelatto Santos³

Resumo: Este artigo tem por intuito discutir o tempo presente no poema "Terra Cunhã", de Eliane Potiguara, parte integrante do livro **Metade Cara, Metade Máscara**, um testemunho do sofrimento do povo indígena, que tenta reafirmar sua identidade após anos de lutas, além de traduzir, para a linguagem escrita, a poética da oralidade indígena. O poema é o grito da mulher indígena ativista que engrandece suas raízes e seus ancestrais. Por meio de sua análise, procuramos perceber a construção do tempo especialmente conforme as proposições de Benedito Nunes em seu estudo **O tempo na narrativa**, colocando em evidência a mulher indígena narrando liricamente a si mesma. Buscamos ainda compreender, no mesmo poema, a representação da mulher indígena escrita por uma mulher indígena ativista das causas dos povos originários do Brasil.

Palavras-chave: Tempo; Representação; Mulher indígena; Eliane Potiguara.

Abstract: This paper aims to discuss the present time in the poem "Terra Cunhã", by Eliane Potiguara, part of the book **Metade Cara, Metade Máscara**, a testimony of the suffering of the indigenous people – who try to reaffirm their identity after years of struggle –, as well as a translation of the indigenous orality into written language. The poem is the scream of the activist indigenous woman who extols her roots and her ancestors. Through her analysis, we seek to understand the construction of time, especially according

¹ Esse poema já foi publicado outras vezes pela autora, com o nome de "Mulher Macuxi" e "Mulher Yanomami".

² Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (UFMS). Docente efetiva da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul.

³ Possui Graduação em Letras/Câmpus de Araraquara pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1989), Mestrado em Letras (Literatura Portuguesa) pela Universidade de São Paulo (1995), Doutorado em Letras (Literatura Portuguesa) pela Universidade de São Paulo (1999) e Estágio Pós-Doutoral na Universidade de Brasília (2017). Professora Titular da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Bolsista de Produtividade em Pesquisa/CNPq (nível 2).

*to the propositions of Benedito Nunes in his study **O tempo na narrativa**, highlighting the indigenous woman narrating herself lyrically. We also seek to understand, in the same poem, the representation of the indigenous woman written by an indigenous woman who is an activist for the causes of the native peoples of Brazil.*

Keywords: Time; Representation; Indigenous woman; Eliane Potiguara.

Introdução

A literatura de autoria indígena no Brasil pode ser dividida em dois momentos: o período clássico, que podemos chamar de tradição oral (coletiva), com as narrativas míticas, e o período contemporâneo, com as narrativas de Eliane Potiguara, Daniel Munduruku, Graça Graúna, entre outros, escritas em língua portuguesa e, em alguns casos, trazidas em edições bilíngues. Os escritos contemporâneos também contam com as narrativas míticas e as experiências vividas individualmente ou coletivamente por eles, sendo o seu diferencial o uso da técnica escrita.

A literatura indígena não é muito difundida, no Brasil, tanto nos meios midiáticos como no mundo acadêmico. Para muitos, esses textos não valem a pena ser difundidos devido aos valores rudimentares e estéticos que possuem. Ainda temos a figura do índio representado sobretudo pelo homem branco/colonizador. Ele tem sua representação de identidade construída por outro, tendo assim um estereótipo que nos tem servido de parâmetro até hoje.

A representação do indígena brasileiro foi e ainda é construída a partir das produções românticas indianistas feitas no século XIX no período do Romantismo, tendo como molde heroicos os cavalheiros e as damas europeias, como aqueles postos em cena nos romances **O Guarani** e **Iracema**, ambos de José de Alencar. Já no século XX, temos uma nova representação para esse indígena, agora posto na rapsódia literária **Macunaíma**, de Mário de Andrade; nela, ainda que seja um modo de sobrevivência, a malandragem e a preguiça imperam.

Em virtude também dessas visões criadas nos séculos XIX e XX e em decorrência dos movimentos políticos dos quais os povos indígenas participaram e participam, surgem as obras de autoria indígena, confirmadas como uma "literatura de resistência", que vem para representar o índio do século XXI. Elas buscam o protagonismo indígena para a construção identitária a partir da sua própria voz como escritor, porém, essa voz não é egocêntrica; ela é manifestação de povos que buscam criar sua própria representação e

marcar sua presença frente ao branco/colonizador. Ela não é produzida apenas para os leitores indígenas, mas também para os não indígenas, para que tenham uma visão do outro lado da história, contado por aqueles que desde o século XV conheceram um lugar de submissão.

Entre esses escritores, destaca-se Eliane Potiguara, nascida em 1950, no Rio de Janeiro, descendente do povo potiguara, migrantes nordestinos. Ela é também uma ativista das causas indígenas, sendo a criadora da primeira organização de mulheres indígenas do Brasil, o GRUMIN⁴ (Grupo de Mulher Educação Indígena), surgido filosoficamente em 1979, tomando corpo físico a partir de 1982 e formalizando-se juridicamente em 1987 (Potiguara, 2021, s/p).

Foi a primeira mulher indígena a conseguir uma petição no 47º Congresso dos Índios Norte-Americanos, no Novo México (EUA), para ser apresentada à Organização das Nações Unidas (ONU). Em 2011, foi nomeada Embaixadora Universal da Paz em Genebra, sendo que seu nome foi indicado após uma reunião do Círculo Universal dos Embaixadores da Paz, entidade ligada à ONU. Também participou da elaboração da Declaração Universal dos Povos Indígenas e do Enlace Continental de Mulheres Indígenas (Potiguara, 2021, s/p).

Eliane tem participado de seminários, feiras literárias, bienais do livro e de palestras, nacionais e internacionais, dando voz às mulheres indígenas, tão esquecidas e sofridas, para que elas sejam incluídas no processo social, político e econômico do País. Tem sete livros publicados; seus textos também podem ser encontrados em sites nacionais e internacionais. Dentre as publicações, está **Metade Cara, Metade Máscara**, publicada inicialmente em 2004 já em sua 3ª edição e do qual extraímos o poema "Terra cunhã"⁵ para nossa análise sobre o tempo.

⁴ O GRUMIN realiza capacitações para mulheres indígenas em Direitos Humanos, com recorte em gênero, etnia, entre outros temas. A proposta do Grupo enfatiza, há décadas, a defesa e a valorização da mulher indígena como uma defensora nata das águas e da biodiversidade brasileiras. É na biodiversidade que reside o incentivo à cultura e à cosmovisão indígena. A biodiversidade guarda com carinho a magia que une a ancestralidade, a espiritualidade e a identidade indígenas em todos os tempos num grande porvir para a preservação da vida.

⁵ Cunhã, expressão tupi, significa "mulher".

1 Metade Cara, Metade Máscara: uma visão geral

Metade Cara, Metade Máscara é composto por contos, poemas e relatos autobiográficos, sendo a temática da luta um lugar de resistência para uma representação indígena dentro da sociedade branca. Outro ponto a ser observado na leitura da obra é a apresentação do indígena na visão do próprio indígena.

A primeira edição de **Metade Cara, Metade Máscara** foi lançada em 2004, pela editora Global; teve sua segunda edição em 2018, pela UK'A, editora que é vinculada ao instituto UK'A – Casa dos Saberes Ancestrais; em 2019 teve a terceira edição, revisada pela Editora GRUMIN.

Metade Cara, Metade Máscara centra-se na saga de Jurupiranga e Cunhataí, as personagens que representam as famílias indígenas em sua movimentação pelo interior do País, narrando as desventuras dos dois jovens desde o início da colonização europeia no Brasil, o que causou uma enorme destruição étnica entre os povos originários, e relatando os valores e as tradições ceifadas pelo branco/colonizador.

A obra vem dividida em sete partes:

1. Invasão das terras indígenas e migração, discorrendo sobre a separação de Jurupiranga e Cunhataí e os efeitos da colonização para a família e a mulher, com demonstrações de violência, racismo e intolerância.

2. Angústia e desespero pela perda das terras e pela ameaça à cultura e às tradições, relatando a dor e a revolta de Jurupiranga e Cunhataí.

3. Insatisfação e consciência da mulher indígena sobre sua situação, discorrendo sobre a revolta e o desespero de Cunhataí.

4. Influências dos ancestrais na busca pela preservação da identidade e relato sobre a importância da família dos avós e dos antepassados indígenas.

5. Exaltação da terra, da cultura e da espiritualidade indígena, narrando que Tupã mostra a caminhada dos povos indígenas a Cunhataí e a Jurupiranga através da natureza, da cultura e dos tempos.

6. Combatividade e resistência indígenas, contando a história da resistência do casal separado em busca dos direitos dos povos indígenas: Jurupiranga, o guerreiro.

7. Vitória dos povos, em que se relata o reencontro com a identidade, o divino, o espírito e o amor. Jurupiranga ressurgiu e permanece unido para sempre com Cunhataí.

Representação do amor eterno e da preservação da identidade indígena e das vivências do cotidiano.

Metade Cara, Metade Máscara traz uma mensagem para o mundo sobre o sofrimento dos povos indígenas, que hoje buscam reafirmar sua identidade após tanta adversidade histórica, social e cultural:

Reconheçam os povos indígenas como os primeiros povos desta terra e sem paternalismos, entreguem as terras que são de seus ancestrais, como reconhecimento, compensação e restauração da dignidade indígena deste país. (Potiguara, 2004, p. 96).

Em sua obra, Eliane Potiguara assume uma postura de ativista em favor dos povos indígenas, principalmente na representação da mulher indígena, vista, por exemplo, no Romantismo como um objeto nas mãos do colonizador. No poema "Terra Cunhã", ela mostra a luta e a resistência das mulheres, mostrando a desigualdade existente em relação à mulher autóctone, até então subjugada e dominada pelo branco/pelos colonizadores do Brasil, representada como uma mulher cândida, companheira e sem voz para expressar o seu sofrimento e o seu posicionamento perante a sociedade não indígena.

3 O tempo no poema Terra Cunhã

Neste texto, buscamos compreender o tempo presente no poema "Terra Cunhã", já publicado com os títulos "Mulher Macuxi" e "Mulher Yanomami". Para tanto, recorreremos aos estudos desenvolvidos por Benedito Nunes no livro **O tempo na Narrativa** e a conceitos emprestados de Émile Benveniste em sua obra **Problemas de Linguística Geral II**, além da **Poética** de Aristóteles

Há uma brincadeira de criança que diz o seguinte: "O tempo perguntou ao tempo quanto tempo o tempo tem. O tempo respondeu ao tempo que o tempo tem quanto tempo, quanto tempo o tempo tem". A redundância no uso da expressão "tempo" já nos alerta sobre a dificuldade em lidar com essa categoria para além de si mesma. Porém, há toda uma tradição no trato desse tema, pois assim como tempo é elemento da vida, estando inseparavelmente ligado a ela, o tempo também é elemento primordial da narrativa.

Aristóteles (2004) buscou explicar o tempo de uma forma racional, por meio da física, observando que o tempo poderá ser entendido se ele estiver unido ao movimento,

passando então a investigar como essa relação funcionaria. Segundo ele, o tempo pode ser fracionado, dividido, sendo composto de presente, passado e futuro. O presente é visto como algo em potência, em estado de vir a ser um ato, ou seja, o presente é um tempo em potência, em constante passagem para o ato. O passado e o futuro estão ligados por um “agora”. Esse “agora” não é o tempo, ele é um espaço no tempo, o que nos permite estudá-lo, pois o tempo, em sua totalidade, não é captado pela mente, por ser ilimitado. Então, esse período, delimitado num determinado espaço, seria a forma de estudar o tempo em si.

Para Aristóteles (2004), o elemento primordial na narrativa histórica é o tempo, no qual convivem diferentes eventos sem ligação causal ou fim determinado. Quanto texto lírico, ele é composto de forma harmônica, para que todos os fatos inspiradores do poeta tenham uma conexão entre si e componham um todo temporal que garantirá aos poemas, por exemplo, sua tonalidade subjetiva e afetiva, incorporando as vivências do eu lírico.

Em **Problemas de Linguística Geral II**, Émile Benveniste (2006), no capítulo “A linguagem e a experiência humana”, escreve que dentro do discurso é preciso compreender especialmente duas categorias: a pessoa e o tempo. Para ele, dentro das formas linguísticas que revelam a experiência subjetiva - isto é, da pessoa -, nenhuma é tão rica quanto o tempo e tão difícil de ser explorada, devido às armadilhas do psicologismo, como se somente estruturas psíquicas comandassem a ação discursiva. Benveniste busca tratar dessas duas categorias fundamentais, descrevendo-nos dois tempos, os quais conhecemos como tempo físico e tempo cronológico/crônico.

Benveniste (2006, p. 71) afirma que o tempo físico é “contínuo uniforme, infinito, segmentável à vontade”, e cada ser humano o mede conforme suas emoções. O tempo cronológico/crônico é o tempo que vivemos no cotidiano, pois engloba os acontecimentos de nossa vida em séries. Depois, ele trabalha com o conceito do tempo específico da língua, assim chamado por não ter outra nomenclatura para tal. Segundo Benveniste, a singularidade do tempo linguístico não reside no fato de estar ligado ao ato da fala, mas por situar-se no “presente da fala”. Sua reflexão sobre o tempo dá destaque ao presente, que nasce exclusivamente por meio do discurso e só pode existir por meio dele.

Poder-se-ia supor que a temporalidade é um quadro inato do pensamento. Ela é produzida, na verdade, na e pela enunciação. Da enunciação procede à instauração da categoria do presente, e da categoria do presente nasce a categoria do tempo. O presente é propriamente a origem do tempo. (Benveniste, 2006, p. 85).

A partir das considerações de Benveniste (2006), nos perguntamos: o que é o tempo? Ou seria mais adequado pergunta: onde está o tempo? Segundo a Bíblia, o tempo cronológico/crônico nasceu com o céu e a terra:

No princípio, Deus criou os céus e a terra. A terra estava informe e vazia, as trevas cobriam o abismo e o Espírito de Deus pairava sobre as águas. Deus disse: 'Faça-se a luz!' E a luz foi feita. Deus viu que a luz era boa e separou a luz das trevas. Deus chamou a luz **dia**, e as trevas, **noite**. Sobreveio à tarde e depois a manhã, foi o primeiro dia. (Gênesis 1:1-5. Grifos nossos).

Pela passagem bíblica, sabemos que a criação do tempo cronológico/crônico está ligada à criação do espaço do espaço terreno. Aí reside a grande questão: sabemos como, quando e onde o tempo foi criado, a se dar crédito à narrativa bíblica, porém a grande dificuldade, segundo Benedito Nunes (2003), se dá por não conseguirmos definir ou conceituar o tempo. Nunes (2003, p. 23) nos adverte que, por vezes, apoiamo-nos em estados do mundo físico, ora nos estados vividos, ora na enunciação linguística, nas condições objetivas da cultura, nas visões de mundo e no desenvolvimento social e histórico, para tentar entender o tempo.

No poema "Terra Cunhã", a presença do eu lírico feminino não atende às regras de uma produção lírica convencional, em que o ritmo é dado pelas rimas. Do ponto de vista material, o poema "Terra Cunhã" é composto de seis estrofes, sendo que elas não possuem um número fixo de versos, assim como também não tem a presença de rimas. Nossa ideia é que Eliane Potiguara não recorre ao padrão poético convencional, porque seus textos têm uma voz de chamamento, de militância em favor de uma causa política, a causa indígena, distinguindo-se assim da voz branca/colonizadora, que recorria aos versos tradicionais da poética ocidental/europeia para representar a mulher indígena.

Mulher indígena!
Que muito sabes deste mundo
Com a dor ela aprendeu pelos séculos
A ser sábia, paciente, profunda. (Potiguara, 2019, p. 82).

Na primeira estrofe, observamos a presença do vocativo "Mulher Indígena": é o chamamento para as companheiras potiguaras e de outras etnias a um despertar para a resistência e para a utilização da voz feminina para denunciar séculos de sofrimento e dor. Destaca-se também a ideia de uma situação permanente para a indígena que, mesmo com

a dor que vem sofrendo durante muito tempo, não perdeu as características de seu passado ancestral, sendo sábia, paciente e profunda, necessárias para enfrentar o presente.

Para Émile Benveniste (2006), há dois planos de enunciação diferentes: o da história e o do discurso, sendo, o primeiro caracterizado pela narrativa de acontecimentos do passado, não havendo a presença do "eu" e do "tu", privilegiando as formas na terceira pessoa. O segundo plano pode ser entendido como aquele que conta com a presença de um emissor e de um ouvinte, sendo que o primeiro busca influenciar o outro de alguma maneira. Esse discurso pode ser tanto oral quanto escrito.

No caso dos versos da primeira estrofe de "Terra cunhã", notamos a presença tanto do plano do discurso quanto do da história, pois o eu lírico intenta influenciar o/as outro/as, destacando que a mulher indígena conhece (tu "sabes", presente do indicativo) aquilo que ela herdou (ela "aprendeu", pretérito perfeito do indicativo) de um passado ancestral de lutas e de sofrimento. Essa condição de aprendizagem herdada dos tempos idos é que proporciona ser, no presente, "sábia, paciente e profunda".

Na segunda estrofe do poema, lemos:

Imóvel tu escutas
Os que fingem aos ouvidos
Fé guerreira, contestas:
'Não aguento mais a mentira!'
Mas longe deles, choras a estupidez,
O MEDO...
(sim, longe deles!)
Sofres incompreensão e maldade
Aos poucos morres à míngua...
Desrespeito, roubo, assassinato. (Potiguara, 2019, p.82).

Mais uma vez, as mulheres são chamadas pelo eu lírico para um envolvimento com sua causa, contestando aquilo que representa uma mentira, numa possível referência às representações falaciosas criadas pelo branco/colonizador. Há, na segunda estrofe, a inclusão do discurso direto ("Não aguento mais a mentira!"), como se qualquer outra forma de expressão não conseguisse dar conta do desabafo de um sofrimento contínuo. Com pouca abertura para a representação/a fala da mulher indígena, ela ainda sofre com a discriminação. Por isso, assim como no passado, ela chora pela tomada de suas terras, de sua cultura e de sua família. Sofre com a estupidez do branco/colonizador por deixar seu povo viver à míngua.

Notamos que a palavra **MEDO** está grafada em negrito e em maiúsculo, levando-nos a pensar que, mesmo com o passar do tempo, as mulheres indígenas ainda temem o branco/colonizador, que finge escutar o seu lamento e sua dor, porém continua a subestimar as vozes dos povos originários. A voz poética assume o papel de tradutora da condição de vida dos povos indígenas, não para que outros a ouçam, mas para que as mulheres indígenas a ouçam e se manifestem.

Leiamos a terceira estrofe de "Terra cunhã":

No dia em que rastejaste
Imploraste tua terra - e JÁ TINHAS!
A teu lado companheiras: miséria e morte
A violência e a angústia do trópicos... (Potiguara, 2019, p. 83).

A voz poética funciona como instrumento de luta e de conscientização das agruras sofridas pelos povos indígenas, em especial a mulher, quando utiliza a expressão JÁ TINHAS: ela nos parece ambígua, pois o verbo ter, estando no pretérito imperfeito, sugere uma ação não acabada e que reverbera no presente. Os povos originários brasileiros tinham a posse de sua terra quando os brancos/colonizadores chegaram ao Brasil. Essa posse, hoje, lhes é garantida por uma série de leis, porém eles não se livraram da miséria, da morte, da violência e da angústia que as constantes ameaças e ações homicidas trazem para seus territórios.

A quinta estrofe parece trazer uma mensagem de esperança:

Sabes do rio de lágrimas
Que te aperta o peito aflito
Na bolsa d'água o filho esperas
Futuro, luz, nova era. (Potiguara, 2019, p. 83).

O eu lírico também sabe ser doce, ainda que a mulher indígena sofra com a violência e o constante risco de morte. O "rio de lágrimas" parece ser o escoadouro tanto das tristezas do passado quanto do que o futuro pode reservar-lhe. No entanto, a possibilidade de gerar uma nova vida "na bolsa d'água" (a água é um elemento vital para a sobrevivência dos povos indígenas tanto material quanto culturalmente) dá um alento novo à mulher indígena. Notamos que a voz poética insere um presente, por meio das formas verbais "sabes", "aperta" e "esperas", que pensa o futuro, dado não somente pela presença da palavra "futuro", mas também pelo uso do verbo esperar, com sua carga emotiva de

expectativa desejável, provável. Temos então um tempo contínuo, que podemos medir por meio do grau das emoções humanas.

Segundo Benveniste (2006, p. 71),

O tempo do mundo físico é um contínuo uniforme, infinito linear, segmentável à vontade. Ele tem por correlato no homem uma duração infinitamente variável que cada indivíduo mede pelo grau de suas emoções e pelo ritmo de sua vida interior.

A vida interior da mulher indígena convive lado a lado com o contínuo do tempo cronológico/crônico, abalado pelos acontecimentos.

Na última estrofe, lemos:

Mas luta, raiz forte da terra!
Mesmo que te matem por ora
Porque estás presa ainda
Nas garras do PODER e da história. (Potiguara, 2019, p. 83).

O eu lírico reafirma a necessidade da luta e da força da matriz indígena, positivada com a expressão "raiz forte da terra", numa possível referência à presença originária dos indígenas no Brasil; eles são a raiz deste País. A morte que "por ora" grassa está posta como uma situação temporária, isto é, se no presente ainda se vive sob jugo dos não indígenas, a raiz que sustenta a luta é forte por natureza e por ascendência.

Se no plano de enunciação da história (Benveniste, 2006) o passado impera e no plano do poema "Terra cunhã" no presente ainda imperam o "PODER" e a "história", o eu lírico conclama a mulher indígena a lutar contra esse poder e essa história, erigidos por brancos/colonizadores, mostrando que a terra é "cunhã", é mulher, e que ela não é propriedade exclusiva de uns tantos sujeitos.

Considerações Finais

O poema "Terra Cunhã" nos mostra não somente o modo de expressão de uma indígena, Eliane Potiguara, mas também a luta das comunidades indígenas contra a violência, contra a violação de seus direitos pelos não indígenas e contra os impactos que as formas de colonização ocorridas ao longo da história do Brasil deixaram. A voz poética fala de resistência e de permanência no tempo.

O tempo do poema não transcorre somente nas relações entre o eu lírico e o seu vocativo, a "mulher indígena". Ele também depende das relações que se estabelecem entre o texto e o leitor. O leitor é o responsável pela rede temporal que acontece no discurso, sendo o mediador a voz poética e aquela a quem ela conclama à luta e à resistência.

Não é possível mensurar o tempo cronológico/crônico do poema, pois não temos a ideia se é dia ou noite, se transcorrem semanas, meses ou anos, ou seja, não medimos as ações do cotidiano. Porém, como a voz poética coloca uma sucessão de estados afetivos, leva-nos a sentir a presença do tempo linguístico, em que é preciso haver um presente, para compor um passado ou um futuro, no caso do poema "Terra cunhã", um passado indígena marcado por uma ancestralidade submetida pelo branco/colonizador e um futuro "mulher", sábio, resiliente e lutador.

Referências

- ARISTÓTELES. **Poética**. 3. ed. Tradução e notas de Ana Maria Valente. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. 2. ed. Tradução de Eduardo Guimarães *et al.* Campinas, SP: Pontes, 2006.
- BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e corr. São Paulo: Vida, 1992.
- NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- POTIGUARA, Eliane. **Metade Cara, Metade Máscara**. Ed. revisada. Rio de Janeiro: Grumin, 2019.
- POTIGUARA, Eliane. Site oficial da escritora. Disponível em: <<http://www.elianepotiguara.org.br/>>. Acesso em: 6 out. 2020.